

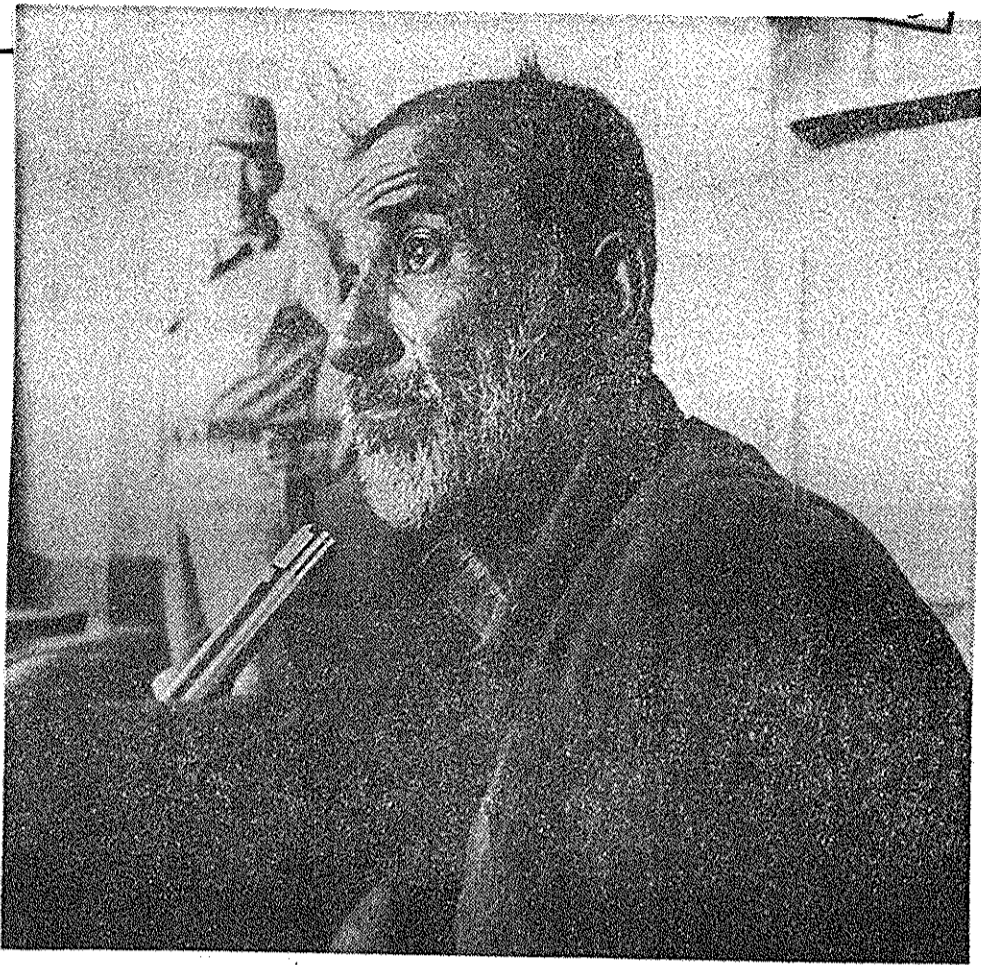
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 92

Data: 31.05.75

Pg.:



Até o fim, Ramiro afirmou que os patrões planejaram a morte dos índios

Condenado a 11 anos o matador dos índios

Do correspondente em CUIABA'

Ramiro Costa, de 65 anos, único sobrevivente do grupo de seis empregados da firma Arruda & Junqueira Ltda., que em 1963 assassinou 13 índios cintas-largas, foi condenado ontem, em Cuiabá, a 11 anos de prisão. Ele não pôde ouvir a sentença, pois logo após seu depoimento sentiu-se mal e um médico aconselhou seu internamento num hospital. Mas o julgamento durou cerca de nove horas, nas quais o senador Eurico Rezende (Arena-ES), contratado pela Funai como assistente da promotoria, afirmava que a condenação de Ramiro Costa serviria para melhorar a imagem do Brasil no exterior.

De qualquer forma, tanto a defesa como a acusação concordaram em que Ramiro estava sendo julgado apenas como instrumento de outras pessoas que não foram pronunciadas. É provável, inclusive, que o promotor Maranhão Aires requiera que a denúncia seja estendida aos empresários Se-

bastião Palma Arruda e Antonio Mascarenhas Junqueira, ex-empregadores de Ramiro, em processo que correria paralelamente ao encerrado ontem.

Durante o julgamento, o juiz Amílcar Silva determinou que fosse ouvida a fita magnética contendo o depoimento de Ataíde Pereira, um dos participantes da chacina dos índios, ao padre Edgar Schimidt. Nesse depoimento, Ataíde afirmou que na fazenda de Arruda & Junqueira o capataz Francisco de Souza, o mesmo que comandou a chacina, costumava espancar e matar seringueiros. O advogado José Duarte do Prado sustentou que Ramiro Costa e companheiros foram obrigados a participar do crime, coagidos por Francisco, mas a promotoria observou que todos estavam armados. Ao final, os quatro advogados, o estudante de Direito, o bancário e o jornalista que integravam o corpo de jurados aceitaram a acusação de homicídio qualificado por motivo fútil e traição, com o agravante de assassinato de uma criança, e condenaram Ramiro.

Amanhece no rio, começa a chacina

O Sol ainda não brilhava na margem esquerda do rio Juruena, mas o grupo de índios que estava deitado em torno de uma choupana bem construída era denunciado pela fogueira. Na margem oposta, cinco homens armados fumavam quietamente à espera da luz, para atacar. Francisco Luiz de Souza, o Chico Luiz, já escolhera seus alvos: eram todos os índios, menos o chefe, que deveria ser abatido pelo mosquetão de Ataíde Pereira dos Santos. Chico Luiz tinha uma metralhadora, seis pites com 180 balas, um facão, um revólver e mais 200 balas. Os demais tinham revólveres, facões e uma certeza: "Índio é bom de matar, são preguiçosos e traçoeiros".

Quando surgia o Sol e os cintas-largas se movimentavam na beira do rio, o mosquetão de Ataíde ergueu-se na direção do chefe e a metralhadora de Chico Luiz derrubou pelo menos sete índios (algumas pessoas falam de 13). Alguns fugiram; sobraram uma mulher e uma criança. Os cinco homens armados atravessaram o rio a braçadas. Chico Luiz abateu o menino com um tiro de pistola 45, na cabeça, e pendurou a mulher numa árvore. Cortou-a ao meio.

O crime, cuja reconstituição foi prejudicada por não se ter achado os corpos, que com alguma razão estimulou as acusações de genocídio feitas na Europa contra o Brasil, jamais foi esclarecido. Somente em 1968 foi feita a denúncia contra os participantes da chacina, mas eles sumiram misteriosamente: dois morreram afogados, apesar de bons nadadores, dois são considera-

dos desaparecidos e Chico Luiz foi vítima de um "crime insolúvel". Sozinho na cadeia, temendo sorte igual, Ramiro queixava-se de que seu advogado, por coincidência chamado Renato D'Arruda Pimenta, um dos mais caros de Mato Grosso, estava contra ele. Na verdade, o advogado, numa atitude rara, pediu um exame de sanidade mental, alegando que seu constituinte estava louco, o que foi desmentido. Desautorizado, D'Arruda abandonou o caso, mas, até hoje, não revelou quem o pagava.

Ramiro Costa acusava diretamente os patrões de terem autorizado e financiado o crime, argumentando que a morte dos índios só interessava a eles. Ele diz que o grupo deixou o barracão da empresa e ficou 30 dias na mata para colher poaia, uma planta medicinal, e procurar minérios, tarefas em que eram apolados por um pequeno arsenal, constituído até de metralhadoras, e pelo avião Cessna da Arruda e Junqueira, que lançava alimentos e munição.

O crime só foi revelado porque Ataíde Pereira, cujo mosquetão liquidou o chefe cinta-larga, revoltou-se por não ter recebido os 50 cruzeiros combinados. Os inqueritos realizados pela polícia estadual e federal, porém, nada comprovaram contra os empresários, que negam a veracidade da história. Ao fazer a denúncia, a promotoria acatou as conclusões dos inqueritos, excluindo Junqueira e Arruda, "tendo em vista não estar devidamente concretizada a anuência dos mesmos à manutenção dos índios". — (Sérgio Buarque).